

SOBRE HETEROTOPIAS:

REFLEXÃO SOBRE OS ESPAÇOS LIBERTÁRIOS EM BELO HORIZONTE

(uma homenagem a Brian)

Lucas Carvalho Soares



O presente texto, de Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira, foi publicado originalmente na coleção *Anarquia e Anarquismos: Práticas de liberdade entre histórias de vida (Basil/Portugal)*, lançado em 2021 pela editora NAU.

Lucas Carvalho Soares de Aguiar Pereira Professor de História no Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG), mas antes disso, companheiro e participante de muitos desses projetos narrados no presente artigo.

Foto de capa: pessoa sobre os arcos do Viaduto Santa Tereza roubada da net sem ver a quem. Todas as demais fotos por Israel Campos (www.flickr.com/photos/palestinaserra)

*Coletivo Kasa Invisível,
maio de 2021.*

we.riseup.net/kasainvisivel | [@kasainvisivel](https://twitter.com/kasainvisivel) | kasainvisivel@riseup.net

No início do século XXI, a cidade de Belo Horizonte contava com diversos grupos anticapitalistas que atuaram em frentes diversas de ações libertárias. Temas como libertação animal, antiarte, tecnopolítica, zona autônoma temporária (TAZ), Faça Você Mesma (DIY) e formas alternativas e autogestionadas de organização política pulsaram por diferentes espaços e em diferentes coletivos. Diversas manifestações anticapitalistas, seguindo a esteira dos movimentos da década de 1990, foram postas em prática nessas duas primeiras décadas, como atos anti-ALCA e anti-BID, e o surgimento de coletivos como a Mansão Libertina, o Carnaval Revolução, o Instituto Helena Greco de Direitos Humanos, o CMI-BH, a Radiola, o Conjunto Vazio, o C.I.S.C.O., o Domingo 9 e Meia, o ÿstilingue, a Casa Somática, a Loja Grátis, o Azucrina e, mais recentemente, a ocupação da Kasa Invisível. São coletivos e atividades que mobilizaram e produziram espaços de convivência, de criatividade, de ação, de continuidades e descontinuidades da experiência libertária.

Este escrito é uma operação de memória e de reflexão sobre determinadas experiências vividas em espaços outros, em espaços libertários organizados em Belo Horizonte. Um exercício de memória, de (auto) crítica e de diagnóstico. Destacarei algumas das experiências vividas ao lado do companheiro de movida, Brian, que está desaparecido desde o início de agosto de 2017, como uma espécie de homenagem e celebração à sua existência.¹ A intenção é refletir sobre os percursos dos encontros e das experiências concretas de trocas e de exercício de liberdade na capital mineira. A efemeridade dessas experiências não diminui sua potência e não elimina seu valor disruptivo. De fato, esse exercício de memória surge como uma possibilidade de reflexão da situação da crítica anarquista na região metropolitana de Belo Horizonte no início do século.

1 A última vez em que Brian Matos da Silva foi visto teria sido em sua última morada, no dia 11 de agosto de 2017, no Vale do rio Forqueta, no município de Maquiné-RS. Apesar das buscas realizadas nas localidades do vale, ele não foi encontrado.

Nesse sentido, minha visão não poderia deixar de representar parte das tensões e das ações que ocorreram nos últimos anos. Obviamente não se trata de um apagamento da organização anarquista em termos classistas, como o Movimento Anarquista Libertário - BH, de 2009, que deu origem ao Coletivo Mineiro Popular Anarquista (COM-PA) em 2012. A existência e a experiência desses coletivos são fundamentais, mas não cabem na proposta deste ensaio. Entendo, inclusive, que sua emergência e suas ações correspondem ao mesmo problema que fomentou o surgimento das ações e dos grupos autônomos para os quais este texto lança sua atenção: o desenvolvimento de um novo modelo de dominação capitalista que surge no final do século XX e que elegeu a democracia liberal como única forma possível de existir, dividindo o mundo entre amigos e inimigos desse projeto. Projeto que agora passa pelo sufocante processo de consolidação das extremas direitas no cenário mundial, depois de algumas décadas, paradoxalmente, de uma cultura política antidemocrática, forjada pelo próprio neoliberalismo (BROWN, 2019).

Autores, como Rancière (2009), já haviam discutido esse problema da imposição do modelo democrático liberal, ainda na década de 1990. Essa uniformidade se deu no sentido de uma partilha do mundo em termos de combate a modos de existência não compatíveis com os valores do liberalismo econômico, declarando guerra aos diferentes modelos e projetos de existência, como no caso da construção do mundo árabe como a encarnação do Terror.

Paralelamente, o desenvolvimento econômico na periferia do capitalismo, após décadas de mera exploração de mão de obra das multinacionais, abriu caminho para dois fenômenos: a individualização da vida em sociedade, pautada pela capacidade de consumo, por um lado, e a institucionalização de experiências de “não democracias”, por outro lado. As perdas significativas que as sociedades democráticas sofreram em suas relações jurídico-institucionais nas últimas décadas, atreladas ao sonho e ao relativo aumento da possibilidade de consumir tecnologias e produtos industriais em geral, contribuíram para a emergência das novas formas do fascismo nos estados contemporâneos². Vários au-

2 O relativo aumento na qualidade de vida dos centros urbanos não significou o mesmo para diversas regiões e populações em diferentes localidades das Américas, África e Ásia. O militarismo é um dos fatores fundamentais para compreender a manutenção da pobreza como sustentáculo do capitalismo.

tores têm demonstrado como o neoliberalismo criou esse monstro político do século XXI: mistura entre conservadorismo, (neo)liberalismo e instâncias do fascismo (BROWN, 2019; TRAVERSO, 2019).

Historicamente, e com muitas descontinuidades, a crítica anarquista esteve muito atenta e ocupada com a questão da liberdade social e individual, mas também com o problema dos rumos tomados pelas esquerdas ao longo do século XX e com o problema do governo e da governamentalidade (BOOKCHIN, 2010). A questão atual é que o governo já não se limita somente ao conjunto de sujeitos eleitos para representação da população na administração do Executivo ou do Legislativo. As tecnologias da disciplina e do biopoder fizeram emergir, desde o século XIX, formas de exercício do poder que dizem respeito à incorporação de um modo de reproduzir a realidade a partir de uma positivação do poder, culminando em formas de dominação que se efetivam pela adesão voluntária a projetos de “proteção” da sociedade (FOUCAULT, 2005). O excesso de positivação no século XX e XXI corresponde a um novo tipo de poder, que Byungchul Han denomina, metaforicamente, de violência neural. Nesse novo tipo de violência, é o próprio indivíduo que se pune, que se esgota, que entra em um espectral de sofrimento mental quando vê seus sonhos liberais frustrados.

Quem fracassa na sociedade neoliberal de desempenho, em vez de questionar a sociedade ou o sistema, considera a si mesmo como responsável e se envergonha por isso. Aí está a inteligência peculiar do regime neoliberal: não permite que emerja qualquer resistência ao sistema. (...) Já no regime neoliberal de autoexploração, a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos (HAN, 2018, p. 16).

Esse novo modo de sujeição e subjetivação do ser a partir da falsa promessa de liberdade, travestida em autocontrole e em servidão da vida nua ao trabalho, é uma releitura dos dogmas e rituais que fazem do capitalismo uma religião, como já havia apontado Walter Benjamin (HAN, 2018, p. 18). Esse me parece um tema central também para alguns coletivos anarquistas do final do século XX, que viam na potência da ação coletiva dos indivíduos uma saída possível para construções coletivas de horizontalidade e de experiências libertárias, desde a década de 1990.

A vida de Brian representou o oposto desse processo de auto-exploração e de autoagressão. Sua revolução, sua revolta, envolveu uma mudança fundamental no seu estilo de vida, abandonando não somente valores macro, mas radicalizando a crítica anarquista ao ponto de abandonar os princípios regulamentares da vida capitalista no mundo urbano. Vindo de uma formação religiosa crítica e ligado à cultura punk (além do hardcore e de outros gêneros musicais do underground) desde sua adolescência no interior mineiro e, posteriormente, na região metropolitana de Belo Horizonte, Brian construiu uma trajetória baseada em uma estética da existência muito ímpar: o viver práticas de verdade, produzindo, em seu corpo e no contato com outros corpos, espaços de liberdade e condições de exercício de liberdade.

“Se não eu não puder dançar, não é minha revolução”, é uma frase escrita em diversos materiais e intervenções feitas por Brian. Este slogan, atribuído erroneamente à Emma Goldman³, representa o estado de

3 O trecho em negrito da citação abaixo, retirada do livro *Vivendo minha vida*, publicado em 1934, foi adaptado e reformulado na década de 1970 em um evento de criação de um fundo para a causa anarquista. O trecho foi impresso em uma camiseta com o rosto de Emma Goldman com os dizeres que se tornaram famosos. Mas a passagem original é muito mais profunda e remete ao desejo pela liberdade, pelo direito à livre-expressão e ao contato com a beleza das coisas. Emma escreveu: “At the dances I was one of the most untiring and gayest. One evening a cousin of Sasha [Alexander Berkman], a young boy, took me aside. With a grave face, as if he were about to announce the death of a dear comrade, he whispered to me that it did not behoove an agitator to dance. Certainly not with such reckless abandon, anyway. It was undignified for one who was on the way to become a force in the anarchist movement. My frivolity would only hurt the Cause. I grew furious at the impudent interference of the boy. I told him to mind his own business, I was tired of having the Cause constantly thrown into my face. I did not believe that a Cause which stood for a beautiful ideal, for anarchism, for release and freedom from conventions and prejudice, should demand the denial of life and joy. I insisted that our Cause could not expect me to become a nun and that the movement should not

espírito de uma geração de jovens anarquistas no final do século XX e nas duas primeiras décadas do século XXI. Uma tendência de lidar com o corpo e com a liberdade que se manifestou em diferentes experiências desde pelo menos a década de 1960. Um grande exemplo desse processo, a meu ver, é o próprio surgimento da SOMA (Somaterapia) no Brasil, e a aposta na revolução a partir de uma nova postura e relação com o próprio corpo, com o prazer, em busca do tesão da vida. Brian e outros companheiros buscaram dobrar essa ideia que une prazer e revolução, alegria e ruptura com a lógica capitalista. Em 2010, por exemplo, Brian lança, em parceria com o músico e militante anarcovegano Animinimalista, um EP intitulado Movilidad Libertaria, distribuído em licença aberta em sites e aplicativos de mídias virtuais. Cantando em tom extrovertido e profundamente corporificado em suas colocações, ele enunciava na canção “Coração Feliz”:

Nenhum remédio cura mais que um coração feliz. // Lá, lá, lá, lá rá, lá, rá. // Não acredito na alopatia, homeopatia, simpatia, apatia, dia-a-dia, medicina alternativa, irradiação massiva, cloro ativo na piscina, cirurgia incisiva, nem na cannabis [em tom de riso]. // Nenhum remédio cura mais que um coração feliz...

A escolha por uma postura libertária e solidária diante do mundo, feita por Brian e por vários companheiros e companheiras anarquistas no início do século XX em Belo Horizonte, dizia respeito a uma renúncia aos valores neoliberais de pacificação da democracia e uma renúncia à governamentalização de propostas à esquerda, uma vez que a raiz dos problemas do estado capitalista seguia nutrindo perseguições, mortes, desigualdade e concentração de riquezas. Havíamos de desejar mais do que mera sobrevivência, mais do que uma escravidão moral a um modelo de paz social que mantinha em sua base a guerra contra sujeitos, famílias, grupos sociais e etnias caracterizadas como indesejáveis, como

be turned into a cloister. If it meant that, I did not want it. ‘I want freedom, the right to self-expression, everybody’s right to beautiful, radiant things.’ Anarchism meant that to me, and I would live it in spite of the whole world—prisons, persecution, everything. Yes, even in spite of the condemnation of my own comrades I would live my beautiful ideal” (GOLDMAN, 1931, p. 53). Sobre a discussão envolvendo esse equívoco e a divulgação dessa citação, ver Shulman, 1991, p. 13.



Show no Domingo Nove e Meia de março de 2009

povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, e a população habitante das periferias urbanas, em especial a juventude negra. Era preciso cultivar a alegria do viver em detrimento do medo, a solidariedade e o tesão da vida em detrimento de escapes artificiais da realidade.

A busca por criar espaços outros de fruição do tempo, de reorganização das trocas, de ressignificação daquilo que é descartado, fez surgir diversas ações nas duas primeiras décadas do século. O Garimpo Urbano – Rolê Freegan, realizado em 2008, por exemplo, consistiu em circular pela cidade, explorando suas possibilidades gratuitas (contidas em excessos descartados, nas aberturas dadas por comerciantes, em possibilidades de reutilização, nos desperdícios presentes no cotidiano urbano). Uma experiência única, mas que forneceu a possibilidade de estabelecer outros vínculos com a existência do excesso capitalista, sendo incorporada em práticas cotidianas. A crítica ao consumo sempre se esbarrou no problema da alimentação. Em primeiro lugar, de onde vem o alimento que chega no nosso prato? Como fazer as redes de solidariedades que já existem entre produtores rurais se tornarem uma prática mais plural e cotidiana de relacionamento social em termos de produção e distribuição alimentar? Olhando de retrospecto, faz sentido a escolha de Brian em se aventurar na agricultura no interior do Rio Grande do Sul no início da década de 2010, buscando estabelecer outros

vínculos com essa produção. No cenário urbano de Belo Horizonte e região, das duas primeiras décadas do século XXI, as opções eram limitadas, mas permitiram a organização de hortas comunitárias, a formação de um esquadrão de bombas de sementes para semear terrenos baldios e o plantio de árvores frutíferas nos canteiros das avenidas.

Mesmo que o veganismo não seja consensual, a crítica realizada ao modelo de consumo e de transformação dos animais em mercadoria, e mais, a crítica de que a exploração (animal e humana) é a base dos problemas relacionados às experiências de privação de liberdade, coação, dominação e governamentalidade, fomentaram discussões e ações fundamentais para a crítica ao capitalismo contemporâneo nesse período. Nesse sentido, podemos destacar o coletivo Gato Negro, que atuou entre 2002 e 2005 como um Centro (anti)cultural, localizado no Maletta, com uma vasta programação que incluía vídeos, debates, palestras, oficinas e que se tornou, mais tarde, um coletivo de libertação animal e voltado à divulgação do veganismo⁴.

Ainda nesse espectro, podemos lembrar das experiências do “Dia Sem Compras”, que estiveram presentes na região metropolitana de Belo Horizonte, pelo menos, desde 1999. No ano seguinte, a manifestação em um centro de compras (shopping center) localizado na região central de Belo Horizonte, com panfletagem e comida grátis, resultou em uma lesão corporal proferida por um segurança em um manifestante que teve seu braço quebrado. Ao longo da década, diversas ações foram feitas em manifestação ao dia sem compras, organizado originalmente pelo

4 Escrevo em meio ao confinamento social provocado pela pandemia do novo coronavírus. As análises sobre como as grandes fazendas, ou seja, a indústria alimentícia, pro vocam doenças no modelo de produção capitalista são importantes pontos de reflexão sobre o problema da liberdade na cozinha. “O agronegócio como modo de reprodução social tem de acabar definitivamente, mesmo que não seja por uma questão de saúde pública. A produção altamente capitalizada de alimentos depende de práticas que põem em perigo toda a humanidade, neste caso ajudando a desencadear uma nova pandemia mortal. Devemos exigir que os sistemas alimentares sejam socializados de forma a impedir que surjam agentes patogênicos tão perigosos. Isso exigirá a reintegração da produção alimentar nas necessidades das comunidades rurais, em primeiro lugar. Isso exigirá práticas agroecológicas que protejam o ambiente e os agricultores à medida que cultivam os nossos alimentos. Em termos gerais, temos de curar as fissuras metabólicas que separam as nossas ecologias das nossas economias. Em suma, temos um planeta a ganhar” (WALLACE, 2020).

coletivo americano Adbuster no fim do século XX, mas criando espaços momentâneos de reflexão e ação voltada para o estranhamento daquilo que é naturalizado no cotidiano.

A crítica ao trabalho também esteve na centralidade de diversas reuniões, ações e mesmo práticas realizadas na região metropolitana de Belo Horizonte. A renúncia ao trabalho, ou pelo menos àquilo que se passou a considerar trabalho no mundo contemporâneo, foi uma opção de diversos ativistas, que passaram a construir alternativas de vida ao modelo capitalista. A crítica poderia ser resumida na seguinte proposição: não há razão para se sujeitar a passar mais da metade do tempo de um dia, enquanto despertos, em uma ocupação laboral que nos permitiria comprar coisas e objetos que não poderíamos usar pois não há nem haverá tempo para desfrutar das supostas benesses advindas desse trabalho. Esses objetos ou atividades nos prometem uma sensação de satisfação e de realização pessoal, que são, de fato, ilusórias.

Uma das evidências práticas dessas críticas foi o surgimento de vários projetos e ações de reciclagem – no sentido de reutilização e reconfiguração de materiais – de objetos, como oficinas de montagem de instrumentos musicais eletrônicos; de montagens de computadores; de



Espaço Ystilingue em 2009, no edifício Maletta, onde entre 2016 e 2018 foi a loja Gata Preta.

gravação de música nesses materiais: compartilhamento de experiências culinárias; trocas de materiais e de técnicas etc. Foi essa inclinação de construção coletiva de saberes e de práticas coletivas de aprendizagem que permitiu a organização de projetos e de ações diversas em espaços, como o Domingo 9 e Meia e o *ÿstilingue*.

O Domingo 9 e Meia surge em meados de 2007 como um encontro libertário no espaço público, situado como uma TAZ debaixo do viaduto Santa Tereza, na região central de Belo Horizonte. Território abandonado pela prefeitura local e que havia se tornado, por anos, um local estigmatizado e espaço de sono e morada de sujeitos sem moradia.⁵ Esses encontros foram organizados e autogestionados por diversos indivíduos autônomos, inclusive por Brian, e contou com expressões artísticas-culturais diversas, além de facilitar diálogos e oficinas sobre temas os mais distintos: veganismo, mídia livre, produção artística, moradia, amor livre, luta antirracista, bicicletada, okupação das ruas, feira grátis. Em resumo: estratégias individuais e coletivas de ações anticapitalistas. A feira grátis, inclusive, gerou uma experiência muito positiva, culminando na ocupação⁶ de uma loja no Mercado Novo (região central de BH), onde funcionou por quase dois anos a Loja Grátis criada em 2008⁷. Partindo do espaço do viaduto, diferentes redes se formaram, diferentes agenciamentos, táticas e estratégias de substituir a sobrevivência por experiências de vivências mais livres no cotidiano de uma cidade grande do capitalismo brasileiro. Muitas receitas de alimentos, usadas para constituir renda ou mesmo para alimentação de comunidades e ocupações, foram compartilhadas e testadas a partir desses encontros. Brian elaborou, compilou e compartilhou diversos materiais impressos e digitais desses aprendizados.

5 Também em 2007, no período noturno, começou a ser organizado o Duelo de MC's, um dos espaços de sociabilidade e de liberdade mais importantes de uma parte considerável da juventude periférica da região metropolitana, marcando uma geração de ações da cultura hip hop daquele período.

6 Nota da edição: a ocupação se deu via um contrato de comodato com a gestão do Mercado Novo.

7 Essas trocas consistiam na disponibilização de objetos em bom estado de funcionamento e na coleta ou não de outros objetos. A educação coletiva consistia no diálogo constante para não transformar a feira grátis – nem a loja – em depósito, lixo, descarte. A experiência foi muito importante e segue como exemplo para muitos coletivos na cidade.

O Ÿstilingue surgiu em 2008 como um espaço colaborativo de produção poética e tecnológica, transformando-se em um espaço coletivo, horizontal e aberto, situado em uma sala num edifício histórico importante no imaginário progressista de Belo Horizonte, o Edifício Maletta, onde antes funcionou o Gato Negro. A sala serviu, durante um par de anos, como ponto de referência para as diversas ações coletivas e individuais na região metropolitana – ponto de apoio bibliográfico e para pequenas atividades artesanais, além de se configurar como espaço festivo e de produção artística, em especial, o compartilhamento e a produção de música livre e independente. Brian também esteve por lá, inventando estratégias e compartilhando conhecimentos e partilhando a autogestão do espaço. Muitas tensões foram vivenciadas ali: a reflexão sobre os caminhos a serem tomados, individual ou coletivamente, foi tema que perseguiu a experiência dos sujeitos que se articularam em torno do espaço que acabou tornando-se um espaço mais festivo do que criativo. Entre as tensões, vale a pena citar, a discussão sobre a construção de ambiente seguro e acolhedor, capaz de produzir solidariedade diante das dificuldades coletivas e pessoais, como a violência de gênero. Do Ÿstilingue vieram experiências como a associação elástica que organizou o bar autogerido Olympio e, posteriormente, o infoshop e estúdio de tatuagem Gata Preta.

A partir de 2009, a ocupação da região central cedeu espaço para a ocupação de espaços periféricos na cidade, com a emergência das ocupações urbanas em diversos pontos – e com a organização de pessoas em torno da casa somática, situada na rua Elza na Vila Suzana. Também na casa somática, a presença de Brian foi estimulante. Lá, ele passava o tempo criando música, inventando estratégias de ação coletiva, participando de construção de estruturas como abrigos ou banheiros secos, aprendendo sobre segurança alimentar e cura das plantas, elaborando materiais de segurança de informações pessoais e sobre segurança dos movimentos contestatórios. A revolta, a mudança radical, a revolução estava ali, em vida, pulsando entre as veias da experiência autogestionada.

Ainda em 2009, a Escola Autônoma de Feriado (EAF) surge como zona autônoma temporária suprimindo a lacuna deixada pelo Carnaval Revolução (CR), que havia encerrado suas atividades no ano anterior⁸.

8 O CR surgiu em 2002 e foi um espaço de encontro de diversos indivíduos e movimentações em todo Brasil mobilizados para discutir, divulgar e vivenciar práticas libertárias em shows, debates, oficinas, apresentações de teatro, performance,



Evento na Loja Grátis localizada no Mercado Novo, 2009.

O EAF foi uma articulação de coletivos e indivíduos autônomos para realização de uma TAZ capaz de estimular experiências e de produzir ações e reflexões libertárias e múltiplas durante o feriado do carnaval. A experiência, capitaneada em 2009 por indivíduos autônomos e por coletivos, como o Azucrino e o próprio espaço *Ÿstilingue*, resultou em um espaço de troca, criação, articulação e de reflexão sobre as possibilidades de se fundar situações estratégicas de materialização da radicalidade em territórios autônomos e autogeridos no período do carnaval. Uma heterotopia em uma cidade sem carnaval.

A multiplicidade de ações foi e é a marca dos anarquismos e da construção de espaços outros de liberdade nessas duas primeiras décadas do século XXI. Assim como sua pulverização. A memória dessas marcas, traços, eventos, instâncias e ações precisa ser entendida também de modo multifacetado. O coletivo [conjunto vazio] vem realizando esse exercício de memória para aqueles que virão depois. Há muitas formas de se pensar esse momento e, certamente, não pretendi explorar cada uma das experiências⁹. O modo como narrei a memória dessas experiências expressas neste texto é, certamente, singular, não corres-

palestras. A edição final daquele ano ocorreu em 2008 no Espaço Impróprio e em uma escola estadual na cidade de São Paulo.

9 Há, por exemplo, uma experiência riquíssima da Radiola, uma rádio independente que se manteve ativa com programação de música e conteúdo informacional popular em diferentes espaços da cidade, mas que acabou sendo fechada em operação governamental.

pondendo a uma memória coletiva. Mas essas experiências foram marcantes para os sujeitos que participaram delas, e voltam à tona em rodas de conversas frequentemente.

Além disso, essas experiências também fortaleceram vínculos e relações que se estenderam em ações ao longo da década de 2010, como a formação da Assembleia Popular Horizontal de Belo Horizonte, que ultrapassou todas essas pequenas experiências mencionadas anteriormente em termos de participação e mobilização popular – em especial, a juventude negra e periférica da capital mineira. De certo modo, episódios posteriores, como as lutas pelo direito à cidade, como a participação de coletivos libertários em ocupações urbanas e de “efêmeras insurgências” (ANDRADE, 2019), mantêm relação com atividades e expressões dessa leva de experiências anteriores. A própria organização da Praia da Estação, que se deu após o decreto que proibia a ocorrência de “eventos de qualquer natureza” naquele logradouro e que se tornou um espaço de mera fruição do espaço da cidade, posteriormente, iniciou-se como reuniões públicas convocadas por indivíduos autônomos e coletivos de militância anarquistas naquele espaço público para pensar formas de ocupação autogestionada dos espaços da cidade. Muito das experiências mencionadas nesse pequeno ensaio de memória se perdeu, mas muito está acumulado em outras práticas e desafios que estão postos para a terceira década do século.

Talvez os desafios vividos no início da década de 2010 nas lutas libertárias dos meios urbanos, fruto tanto da perseguição estatal, quanto de um próprio desgaste dos projetos e propostas de ações coletivas, culminando em desarticulações e rearticulações em outros espaços, tenham levado Brian ao mundo rural, tornando-se agricultor em ocupações ao redor do país até seu desaparecimento. Esses desafios fizeram emergir outros problemas. Não nos atentamos, por exemplo, para o uso e apropriação do vocábulo “libertário” por parte da nova direita, que também formou os corações de jovens no mundo todo¹⁰. No caso brasi-

10 Ninguém é dono de nenhuma palavra, mas seus significados estão em constante disputa e elas atuam tanto na classificação do mundo social, como nas distinções sociais (BOURDIEU, 1982). Argumento que a luta do sentido do termo libertário passou despercebida por grande parte dos companheiros, e a batalha foi ganha por uma geração de jovens formados pelos “chans” da deepweb. Nas últimas décadas, formou-se uma nova geração, em diversas partes do mundo, para quem a

leiro, a extrema direita, unida à direita neoliberal, hackeou as demandas libertárias ou mesmo da esquerda progressista, conquistando multidões em torno de, pelo menos, três grandes questões: a crítica à imprensa burguesa, a ideia de poder popular e a crítica à globalização. Unindo-se à mística religiosa, “a nação, a família, a propriedade e as tradições”, vítimas da “razão neoliberal” e do desmoronamento da vida comum promovido pelo neoliberalismo, tornaram-se “resquícios afetivos” blindados e sobre os quais a crítica da tradição libertária não consegue atingir (BROWN, 2019, p. 228).

Nas décadas de 1990 e 2000, éramos capazes de imaginar o fim do capitalismo, atualmente, e cada vez mais, tem se tornado mais fácil, coletivamente falando, imaginar o fim do mundo habitável pela vida do que o fim de um sistema criado pelo ser humano (FISHER, 2009, p. 2).

¹¹ Por outro lado, apesar dessas ruínas neoliberais fundantes dos novos tempos, há sempre fagulhas de esperanças que precisam de oxigenação, pois os inimigos não se cansam de vencer, como lembrou Walter Benjamin em suas teses sobre a história. Outras movimentações que buscam organizar espaços de alteridade (para além da ideia de alternativa difundida pela nova direita estadunidense) têm ocorrido, criando experiências, práticas de liberdade e coletivos antifascistas em diversas instâncias sociais.

Publicações independentes não cessaram de circular e de serem editadas, traduzidas e criadas. Para além dessa difusão do desejo de se libertar de práticas fascistas macro ou micro, as trocas anarquistas vêm concretizando a formação de sujeitos de liberdade em diferentes espaços – ocupações urbanas, comunidades rurais.

Há, no entanto, muitas discontinuidades desses processos, como bem lembrou Edson Passetti (2002, p. 159), não se podendo estabelecer um fio de continuidade e de lógica entre esses diversos eventos e experiências mencionadas, mas múltiplas presenças, na forma de ocupação de espaços e de estabelecimento de nós que formaram redes flexíveis com táticas de rupturas ou de conexões. O que se fez nas primeiras décadas do século XXI e o que parece estar sendo feito, ainda, é uma constante

crítica ao sistema político (e ao próprio monopólio capitalista) tomou morada nas demandas capitaneadas pelo fascismo contemporâneo (TRAVERSO, 2019, p. 13).

11 Mark Fisher atribui a autoria da frase “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que imaginar o fim do capitalismo” a Frederic Jameson e Slavoj Žižek.

organização em torno da reinvenção “da vida como educação” (PASSETTI, 2002, p. 161), como espaço de formação pessoal e coletiva, de desestabilizar certezas epistemológicas, culturais e ideológicas.

As reflexões dessas páginas, que partiram das práticas e ensinamentos de diversos companheiros, como Brian, não tiveram a intenção de enquadrar suas vidas em um modelo explicativo, mas de pensar a partir dos encontros que permitiram a fundação de espaços coletivos de liberdade, junto àquele companheiro de movida. Gostaria, no entanto, de enfatizar que ao produzir sua existência como uma busca de uma nova relação com a verdade, Brian se portava tal como o parresiasista cínico, estudado por Foucault no final de sua vida. No sentido de produzir uma relação ética de cuidado, que é sempre uma relação de si para consigo mesmo, mas também de si para com o outro. De (re)colocar em xeque a relação que mantemos com a verdade, de analisar de modo meticuloso nossa maneira de viver. Há um paralelo entre essa forma de existir, buscando as raízes de certos problemas humanos, e as diversas práticas coletivas anticapitalistas que se disseminaram no mundo a partir do final da década de 1990 e se estenderam no século XXI. Naquele período, circularam diferentes textos, ideias e pessoas, que em seus contextos específicos fomentaram a criação de espaços outros nos centros urbanos e comunidades rurais ao redor do mundo, esses “outros lugares, uma espécie de contestação simultaneamente mítica e real do espaço em que vivemos” (FOUCAULT, 2009, p. 416). Brian, jovem negro, curioso, generoso, ativo, solidário, habilidoso com as palavras e com tecnologias, artista e um sujeito sempre disposto a ajudar a construir espaços de liberdade, deixou para os companheiros de luta um legado enorme de gestos e de ideias que fomentam a expansão dos nossos desejos por liberdade. Em um tempo em que o fascismo avança no mundo, lembrar essas experiências compartilhadas com ele também nos ajuda a formar nossa subjetividade libertária, para que não esqueçamos daqueles que vieram antes de nós, para que tenhamos em mente que o enxame espetacularizado que atacou o gigante em 2013 não nasceu ali, tampouco se dissipou por lá.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Eduardo Frankiw de. Ruas livres: insurgências do uso, desvios do espaço e direito à cidade na Belo Horizonte contemporânea. 662 fl. 2019. Tese (Doutorado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BOOKCHIN, Murray. Anarquismo, crítica e autocrítica. São Paulo: Hedra, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Ce que parler veut dire: l'économie des échanges linguistiques. Paris: Fayard, 1982.
- BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Politea, 2019.
- FISHER, M. Capitalist Realism: Is There No Alternative?. Londres: Zero Books, 2009. 81 p.
- FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1972-1973). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. Outros espaços. In: FOUCAULT, M. Estética: literatura e pintura, música e cinema (Ditos e escritos III). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 411-422.
- GOLDMAN, Emma. Living My Life. New York: A. Knopf, 1931.
- HAN, Byung-Chul. Psicopolítica: neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Belo Horizonte: Áyné: Veneza, 2018.
- PASSETI, Edson. Heterotopias anarquistas. Verve, no 2, p. 141-173, 2002.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SHULMAN, Alix Kates. Women of the PEN: Dances with Feminists. The Women's Re-view of Books. v. 9, n. 3, p. 13-13, 1991. Disponível em: <www.jstor.org/stable/4021093>. Acesso em: 12/2/2020.
- TRAVERSO, Enzo. The New faces of fascism: Populism and the Far Right. London: New York: Verso, 2019.
- WALLACE, Rob. Coronavirus: “agribusiness would risk millions of deaths”. Marx21, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.marx21.de/coronavirus-agribusiness-would-risk-millions-of-deaths>>. Uma tradução pode ser encontrada em <<https://faccaoficticia.noblogs.org/post/2020/04/14/grandesfazendas>>. Acesso em: 14/4/2020.

passsei às 10h
no domingo. esperei
ninguém aparecer.
comi chapati e fui
embora. hora de fazer
força na peruca. almoço.
saúde.

PS:
entra pra morar
Logo!

B.



Bilhete deixado por Brian após nosso desencontro do dia em que iria conhecer o interior da Kasa Invisível, com esboço da fachada da ocupação. Nosso companheiro nunca chegou a conhecer a ocupação autogerida e anticapitalista mais duradoura da cidade em que ele tanto trabalhou para criar e manter espaços de luta por um mundo livre.

ABANDONE AS MÍDIAS \$OCIAIS\$



kolektiva.social/@kasainvisivel

we.riseup.net/kasainvisivel

o que acontece aqui?



KASA

INVISÍVEL

RESISTE

Ainda não conheceu a casa?
É só aparecer!

Quer propor alguma atividade?
Mande sua proposta para
kasainvisivel@riseup.net

Mais informações:
[@kasainvisivel](https://twitter.com/kasainvisivel)